

# amazônia JUDAICA



SUPLEMENTO ESPECIAL  
AMAZÔNIA JUDAICA:  
MARÇO 2020

**Manoela Chocron:**  
Futuro do judaísmo  
em Breves

Judaísmo em Breves:  
**Tradição que veio  
de longe**



# 1810 - 2020

## JUDEUS NA AMAZÔNIA 210 ANOS DEPOIS



[www.amazoniajudaica.com.br](http://www.amazoniajudaica.com.br)

## EDITORIAL

*Chaverim, Shalom*

Há 210 anos teve início a imigração dos judeus oriundos do Marrocos para a Amazônia. E o **Portal Amazônia Judaica** e o **AHDAJ – Arquivo Histórico Digital Amazônia Judaica**, bem como a **Revista Amazônia Judaica**, completam 10 anos de fundação.

Com certeza o ano de 2020 merece ser celebrado e nós da Amazônia Judaica estamos cumprindo um calendário comemorativo que:

1. publicará e lançará livros e edições especiais de suas revistas;
2. realizará uma exposição virtual sobre os judeus da Amazônia;
3. participará de eventos e congressos sobre o tema;
4. ampliará sua rede de parcerias culturais e acadêmicas no Brasil e no mundo.

A edição deste **Suplemento Especial da Revista Amazônia Judaica** sobre os judeus de Breves, no Pará, é fruto de uma dessas parcerias. Uma parceria de mais de uma década, com **Iria Chocron**, filha de Breves, professora de História, estudiosa do tema judeus na Amazônia e de longe uma das grandes incentivadoras e realizadoras de eventos culturais sobre o tema.

É dela a brilhante iniciativa da publicação do presente suplemento, na realidade um registro ímpar da presença judaica na região do Marajó, em especial na cidade de Breves.

Parabéns, querida Iria. Que você tenha sempre este entusiasmo ímpar e a força necessária para seguir nessa tua luta pelo registro e preservação do judaísmo bicentenário da Amazônia.

*Os editores*

## ÍNDICE

### 04 HISTÓRIA

Judeus na Amazônia: 210 anos de uma imigração singular

### 10 CAPA – DOSSIÊ

Judeus em Breves: Reminiscências e memórias

### 14 ENSAIO FOTOGRÁFICO

Uma recriação bela e inventiva da cultura judaico-marroquina

### 22 PÁGINA OURO

Agradecimentos

**amazonia**  
**JUDAICA**

**Diretor de Edição:** Elias Salgado | **Editora Executiva:** Regina Igel | **Diretor de Art e Design:** Eddy Zlotnitzki | **Idealizadora do Suplemento:** Iria Chocron | **Copidesque e revisão:** Cristina Konder e Mauro Malin.  
Amazônia Judaica é uma publicação da TALU CULTURAL  
**Sites:** [www.talucultural.com.br](http://www.talucultural.com.br) | [www.amazoniajudaica.com.br](http://www.amazoniajudaica.com.br) |  
**Emails:** [contato@talucultural.com.br](mailto:contato@talucultural.com.br) | [ed.amazoniajudaica@gmail.com](mailto:ed.amazoniajudaica@gmail.com)





Navio a vapor da companhia de navegação inglesa Both Lines. Trazia imigrantes ao porto de Belém

A processo migratório judaico para a região amazônica é parte de um processo maior, o das grandes migrações. Migrações que são consequência das crises sociais do advento do capitalismo e também da formação social brasileira, que tem início com a independência do país no período imperial

## A IMIGRAÇÃO JUDAICA PARA A AMAZÔNIA

Nessa época, vários outros grupos (europeus, japoneses, árabes) foram incentivados a imigrar para auxiliar no processo de formação do nosso, então incipiente, capitalismo.

No caso particular da Amazônia, tal demanda era enorme, pelas grandes extensões territoriais e a necessidade premente de mão de obra no esforço extrativo, especialmente no da borracha.

A presença judaica na Amazônia tem início em torno de 1810, como podem comprovar a criação das duas primeiras sinagogas do Brasil moderno, Eshel Abraham (1824) e Shaar Hashamaim (1826 ou 1828), na cidade de Belém, no estado do Pará, bem como as sepulturas encontradas no primeiro cemitério judaico daquela cidade, o da Avenida Soledade, fundado em 1848. A sepultura mais antiga, datada de 27 de sivan (maio/junho) de 1848, é de Mordecai Hacoheh.

O primeiro pedido de naturalização e de licença para comerciar que se tem conhecimento é do judeu marroquino José Benjó. Foi solicitado no ano de 1823.

As razões que motivaram a ida desses judeus em direção à Amazônia brasileira foram anteriormente estudadas por Mirelman (1987); Bentes (1989); Liberman (1990); Benchimol (1998). Os judeus teriam sido pressionados a sair dos “melahs” (bairros judeus) por dificuldades de sobrevivência, causadas por pobreza, super população e epidemias de cólera e peste bubônica, como as de 1790 e 1818

### Quem eram aqueles pioneiros judeus

Eles provinham em sua maioria do Marrocos:

Espanhol (Tetuan e Ceuta) e falavam espanhol e haquítia (dialeto que mesclava o hebraico, espanhol

e árabe); Francês (Casablanca); Árabe (Fez, Rabat e outras vilas do interior onde habitavam os “toshabim”(nativos) chamados de “forasteiros” pelos “megorashim”, expulsos de Espanha e Portugal).

Havia também uma outra corrente que se estabeleceu em Belém e Manaus, de origem francesa (Alsácia e Lorena), alemã e britânica (Gibraltar).

Benchimol (“Judeus no Ciclo da Borracha”, 1994:9) assinala:

*”A principal característica desse movimento migratório residia no fato de que, ao contrário da maioria das outras correntes, ela foi uma migração familiar, integrada da mulher e dos filhos, o que assegurava o caráter doméstico e gregário da vida judaica milenarmente presa aos valores culturais e religiosos centralizados em torno das comunidades, que procuravam criar como forma de assegurar a continuidade de sua própria cultura e tradição”.*

### Os judeus no boom do Ciclo da Borracha

A Amazônia brasileira se destacava como o maior produtor mundial de borracha e o grande boom deste ciclo produtivo se deu entre anos 90 do século XIX e na primeira década do século XX, tendo seu ano de pico em 1910, quando foram exportadas 38.547 toneladas de borracha, ao preço de 25,25 milhões de libras esterlinas.

“Esse boom durou mais de 50 anos e fez deslocar cerca de 300.000 nordestinos imigrantes, sobretudo a partir de 1877 e 1888, em virtude da seca. Durante esse período, a Amazônia foi povoada, também, por grande número de europeus e migrantes portugueses, espanhóis, italianos, franceses, ingleses, alemães, além de sírio-libaneses chegados no final do século XIX. No entanto, depois dos cearenses e portugueses, a maior contribuição, tanto quantitativa quanto ▶



► qualitativa, proveio dos sefaraditas marroquinos” (Benchimol, 2008). O autor mostra que os judeus foram pioneiros na abertura e ocupação da fronteira amazônica e desbravaram ao longo de rios e beiradões, pequenas cidades, vilas e povoados no período de rush da borracha. Assim, como muitos judeus não tinham chances de concorrer com os grupos poderosos que dominavam as praças de Belém e Manaus procuraram nas fronteiras econômicas “o seu lugar, o seu nicho e o seu lar”, dentre esses lugares estava a região de Breves para onde deslocaram famílias como Athias, Roffé Zagury, Sarrafe, Farat, Lancy e Dabbay” algumas já mencionadas acima, outras não encontrei vestígios

### Judeus na Amazônia na atualidade: a síntese histórica de um processo migratório

Passados 210 anos do advento do esta belecimento dos judeus de origem marroquina na Amazônia brasileira, o quadro histórico e antropológico deste processo migratório aponta, resumidamente, para as estas principais sínteses:

Em linhas gerais, exceto em períodos isolados, a história da presença judaica na região se deu de maneira pacífica e de boa convivência com o “outro” – os habitantes originais e os demais grupos migrantes nacionais (os nordestinos) e grupos imigrantes de diversas origens.

O processo de síntese antropológica se deu numa dinâmica múltipla de adaptação, aculturação, assimilação e preservação. Após dois séculos de presença na Amazônia, os judeus, que permaneceram ligados à vida judaico-comunitária, ainda preservam traços de sua tradição original ao mesmo tempo que o judaísmo local é uma síntese singular de adaptação e preservação.

Boa parte das 1.000 famílias que se estabeleceram na região, sofreram um grande processo assimilatório e seus descendentes são conhecidos pela historiografia como “os hebraicos”.

Na atualidade, a população da Amazônia que ainda se considera (e é considerada) judaica, está assim constituída: cerca de 3.000 em Belém, 700



**Sinagoga Shaar Hashamaim, Belém, PA**

em Manaus (estas são as duas únicas comunidades organizadas em atividade); e no interior (Porto Velho, Macapá, algumas cidades do interior do Pará, entre elas Breves) totalizando mais cerca de 100 pessoas.

Além destes, muitas famílias migraram para o

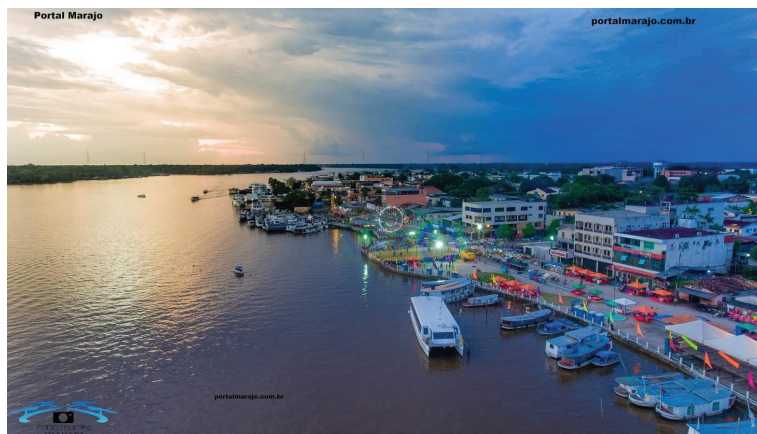
Sudeste (Rio e São Paulo – são cerca de 500 pessoas), e para o exterior, EUA e Israel, que hoje possui uma comunidade em constante crescimento (que pelas nossas previsões, tem hoje mais de 500 membros). ✨

**Sinagoga Isaac Bennesby – Porto Velho - RO**





## OS JUDEUS EM BREVES PASSADO E PRESENTE



**A**tualmente, o município de Breves é constituído pela sede e distritos de Antônio Lemos, Curumu e São Miguel dos Macacos.

Historicamente a economia do município já viu dias mais prósperos. Os principais ciclos econômicos, foram: o extrativismo das chamadas drogas do sertão; o ciclo da Borracha, que teve seu auge entre os anos de 1879 e 1912; a extração de madeira, que por questões ambientais foi bastante reduzida, e hoje o município vive de extrativismo, da agricultura familiar e da pecuária (gado, búfalo e suínos).

Os poucos judeus que se estabeleceram em Breves e regiões próximas jamais formaram uma vida comunitária como em cidades maiores. Chegaram ao muni-

cípio de maneira isolada ainda no período áureo da borracha, como aconteceu em todo o interior amazônico desde Belém até o Peru. Vinham os homens a trabalho e as famílias ficavam em Belém e moravam, muitas delas, no Pensionato de D. Sol Israel.

Os judeus, vindos do Marrocos não deixaram muitas evidências históricas na região, por esse motivo reconstituir sua trajetória de contatos foi uma tarefa árdua, até mesmo pela ausência de descendentes identificados como tais na região de Breves. Nesse sentido, as informações colhidas do cartório de imóveis foram de suma importância para mapear alguns desses migrantes na cidade. De antemão, posso mencionar a presença da família Athias,

A Wikipédia nos conta sobre Breves, que “os primeiros habitantes da região foram os índios da tribo dos Bocas”. Em 19 de novembro de 1738, o capitão geral do Pará, João de Abreu Castelo Branco, concedeu aos irmãos portugueses Manuel Fernandes Breves e Ângelo Fernandes Breves uma sesmaria, localizada às proximidades do rio Parauhaú. Com a instalação de um engenho, o lugar passou a ser chamado de “Engenho dos Breves”, em homenagem aos seus fundadores. Em 25 de outubro de 1851 foi criado o município de Breves

Bacessat, Gabbay, Roffé, Farache, Sarraf e Chocron. Destas, as três últimas foram as que encontrei descendentes vivendo nos espaços da cidade.” (Leão, 2018) Todas as práticas judaicas e a preservação das mesmas se perderam ao longo do tempo, num processo de assimilação caracterizado por casamentos interétnicos. Ao fim do ciclo da borracha aqueles que de alguma maneira mantiveram laços com o judaísmo voltaram para Belém, onde muitos foram enter- rados.

## DAVID JOSÉ PÉREZ, O JUDEU MAIS ILUSTRE DE BREVES

**Breves viu nascer uma das maiores personalidades judaicas do país, um importante intelectual brasileiro de seu tempo, o judeu de origem marroquina David José Pérez**

**P**érez, nasceu na cidade em 1o. de março de 1883. Era filho de Joseph e Cottta Mhaudy Pérez, originários de Tanger, e neto de Amram Pérez, de Marrakesh, todos judeus de origem sefardita (espanhóis).

Em 1895, assim como faziam inúmeros judeus marroquinos logo após o término do primário, Pérez foi completar seu estudos na Escola da Alliance Israélite Universelle de Tanger, de onde regressou em 1900. Lá obteve seus conhecimentos básicos de hebraico e judaísmo, com o rabino Mossé Taurel.

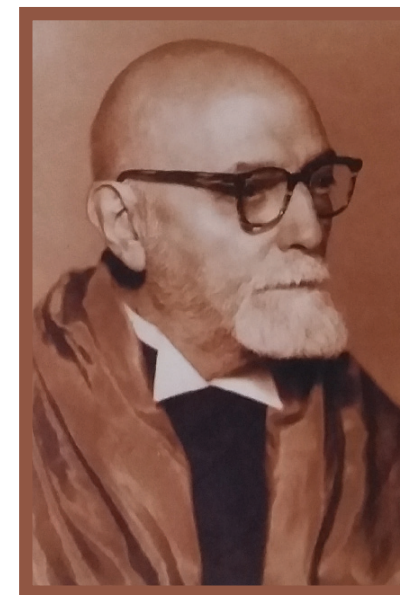
Em 1906 passa a viver no Rio de Janeiro, onde em 1911 estuda Direito, pela Faculdade Livre de Direito.

A partir de 1915 inicia sua brilhante carreira no magistério.

Em 14 de janeiro de 1916 cria o que será sua maior iniciativa e contribuição ao judaísmo e ao sionismo no país. O primeiro jornal israelita em língua portuguesa, o “A Columna” (“Ha Hamud”).

Este jornal encerrará suas atividades em 31 de

dezembro de 1917, por questões econômicas. No curto período de menos de 2 anos, Pérez, com sua contribuição histórica, deixa um dos principais registros sobre a presença judaica na Amazônia nos primeiros anos do século XX.



**Prof. David José Pérez, um dos maiores intelectuais de seu tempo. Fundador do jornal A Columna**

Ele foi um intelectual à frente de seu tempo. Falava vários idiomas e dominava várias áreas do conhecimento: línguas, linguística, história e judaísmo. E era um educador por excelência. Esteve envolvido na criação da primeira escola judaica do Rio de Janeiro, a Maguen David, 1922. Foi seu primeiro diretor.

Mesmo tendo passado a viver no Rio, jamais rompeu laços com o judaísmo amazônico. Esteve em Manaus e Belém em várias oportunidades para palestras. Foi também ao lançamento da pedra fundamental da atual sinagoga de Manaus, em 1959, a Beit Yaacov-Rebi Mair.



# Iria Chocron: UMA MACABÉIA DO MARAJÓ

Por Elias Salgado



Há tempos que o judaísmo na cidade de Breves, que nunca possuiu uma comunidade organizada e cuja população sempre foi incipiente – poucas famílias, ao longo de dois séculos –, tem na pessoa da professora de história Iria Chocron o baluarte da preservação da memória da tradição judaica na cidade

É desta “guerreira”, esta “macabéia” da história e da cultura dos judeus da Amazônia, a iniciativa da publicação deste Suplemento Especial da Revista Amazônia. A ela somos todos agradecidos.

Conheço Iria faz 10 anos e apenas à distância, mas é como se a tivesse por perto. Sou testemunha da sua curiosidade, do seu imenso interesse em estudar e lutar pela preservação das origens de sua ancestralidade judaico-marroquina. Iria carrega sobre seus ombros com um entusiasmo

## IRIA CHOCRON POR ELA MESMA

Eu nasci na vila dos Macacos, município de Breves, em outubro de 1971. Sou a caçula de 8 irmãos.

Minha mãe era católica e meu pai era uma espécie de agnóstico, não tinha religião definida e nem queria ter, apesar de ter sido criado por um pai judeu que veio de Tetuan, no Marrocos, para Breves, e foi o fundador da vila onde nasci.

Quando pequena ouvia muitas histórias do meu avô judeu, que se chamava Abraham Mojluft Chocron (ou para nossos vizinhos da Vila e de todo rio Macacos ele era o Abrão Siqueira), que de “regatão” (vendedor/comprador ambulante, que regateava o preço das mercadorias) tinha se tornado próspero comerciante de tecidos. Ele faleceu antes do meu nascimento, em 1944, em Belém, deixando cerca de 13 filhos.

A minha origem judia ficou adormecida durante boa parte da minha vida e foi só em 2002, quando estava cursando uma Especialização em “Imaginário Social da Amazônia”, pela UFPA (eu havia me graduado em História três anos antes e meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – tinha sido sobre um inusitado tema: “O Adultério Feminino em Breves”).

Estava à procura de um tema mais “normal” para apresentar ao meu orientador. Então, optei por

contar a história dos judeus marroquinos que estiveram no nosso município e assim também entenderia melhor a história do meu avô, já que a família toda pouco falava sobre a religião dele. Religião é um tema que sempre me atraiu. Então, ao me debruçar sobre essa história, minha admiração pelo povo de Israel só cresceu. Continuei uma pesquisa pessoal, comprei livros; fui ao cemitério antigo onde meu avô e muitos judeus foram enterrados; fui ao Centro Israelita do Pará; conversei longamente com o rabino de Belém, Moisés Elmescany.

Fiz novos amigos judeus, como o David Salgado (que me orientou em minha pesquisa sobre o judaísmo e depois no projeto para a TV local, do Eretz Amazônia); como o escritor Narchman Falbel, que me apresentou a biografia de um judeu marroquino ilustre, David José Perez, cuja vida ainda me induz a perguntas para as quais ainda não tenho respostas. E também o sr. Fortunato.

Quando terminei a Especialização já estava loucamente apaixonada pela cultura, religião e história judaicas, de forma que precisava fazer algo de realmente concreto para demonstrar isso e, sobretudo, agradecer e homenagear meu avô. Resolvi então acrescentar o sobrenome dele ao meu nome e ao da minha filha. Fui ao Fórum de Breves e o juiz acatou minha solicitação e acrescentou o “Mojluft Chocron” no nosso sobrenome.

incomum esta nobre missão. A história da Amazônia, em especial de Breves e da etnia judaica na região, tem uma dívida imensa com esta mulher.

Ela compõe um grupo muito especial de mulheres que estão à frente e na vanguarda do judaísmo amazônico, em comunidades como as de Manaus, Belém, Porto Velho, e em Breves.

Iria é uma fiel colaboradora e incentivadora do trabalho único e pioneiro em seu gênero do **Amazônia Judaica** e suas edições – nossos li-

vros, nossa revista, nosso portal e vários outros de nossos projetos.

Uma das melhores características desta mulher de vanguarda, além da sua incansável luta em prol da memória dos judeus marroquinos da Amazônia, é a sua humildade e a ânsia em aprender e apreender tudo o que diz respeito ao tema aqui referido:

*-Elias, como se veste uma mulher judia marroquina tradicional? Você acha que estas indumentárias e estes arranjos são adequados? ▶*



▶ *O que você acha de publicar uma edição especial da Revista Amazônia Judaica? Vou lutar pela realização de um grande evento da cultura judaico-marroquina na cidade. Já falei com os Sarraf, pedi uma reunião na prefeitura; falei com o professor Luiz Guilherme dos Santos Júnior, da Faculdade de Letras do campus de Breves da UFPA, vamos fazer o evento juntos. E que tal um ensaio fotográfico?*

Alguns dias depois o ensaio fotográfico estava pronto – divino! E ela posta no Facebook uma foto belíssima, uma verdadeira pérola da tradição cultural marroquina, de sua filha Manoela Chocron, com o seguinte texto:

*“No início de janeiro, num domingo, liguei a TV e parei no programa Pedro pelo mundo, da*

*GNT. Nele, o jornalista Pedro Andrade estava no Marrocos, mostrando as maravilhas desse país. Imediatamente lembrei do meu projeto de especialização, que contava a história de judeus marroquinos em Breves. Por isso, resolvi fazer um ensaio fotográfico com o querido Jonatan Castro, com o apoio do talentoso professor de balé Cristian Miranda e, claro, com a generosidade da minha menina Manoela Chocron, que topou ser vestida como uma típica judia marroquina. O ensaio é acompanhado do projeto **A história dos judeus marroquinos em Breves.***

*Obrigada ao João Araújo Costaphy, por estar sempre nos apoiando. A Elias Salgado, pelas dicas. E obrigada ao rabino da sinagoga Beit Mescany, Moisés Elmespany.”* ★

## CRISTIAN MIRANDA: UM ARTISTA AMANTE DA CULTURA JUDAICA

Me chamo Cristian Miranda, nasci no município de Breves-Marajó-Pará em 27 de abril de 1992 e aqui resido até os dias atuais. Sou assistente social formado pela Universidade Federal do Pará com pós graduação também pela Universidade Federal do Pará em Educação Direitos Humanos e Diversidade através do Instituto de Ciências Jurídicas.

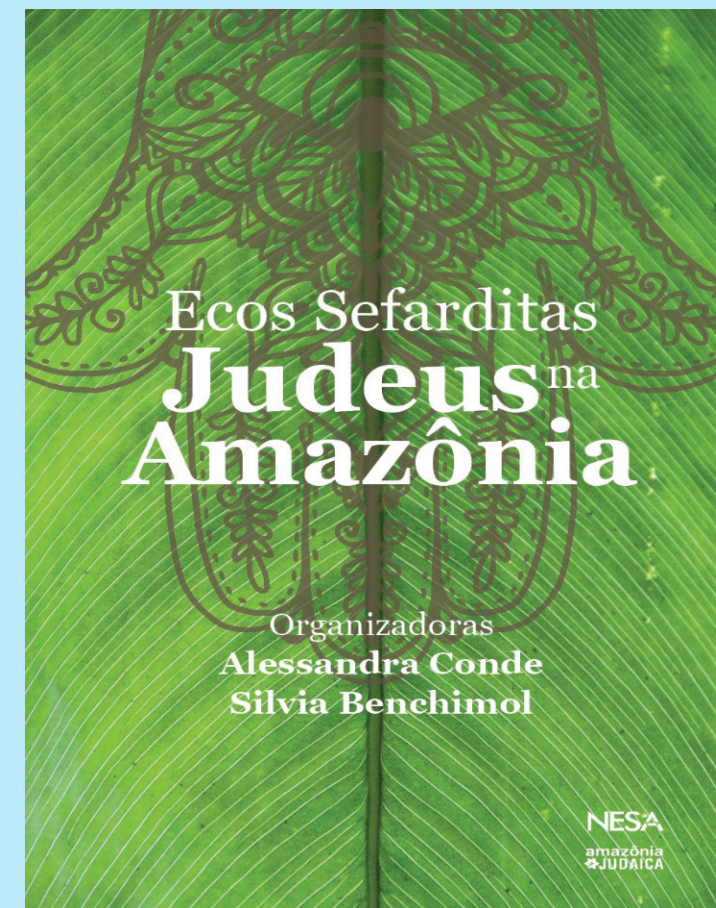
Apesar de minha formação na área social, as questões culturais sempre estiveram presentes em minha vida, aos 8 anos de idade comecei a fazer teatro dentro do município através do Grupo Teatral Luzart dirigido pelo grande mestre Marco Antônio Mesquita Maranhão.

Foi nesta escola também que comecei a despertar interesse pela cultura e história do povo judeu, através da minha então professora da disciplina História, Iria Chocron, isto lá pelos idos de 2004. A mesma desenvolveu o primeiro projeto sobre a Presença Judaica na Amazônia no ano de 2005. E desde já me encantei pela cultura, pela língua e costumes judeus.

Este evento foi marcante em minha vida no que tange a cultura judaica, apaixonei-me cada vez mais pela mesma e desta feita criei um grande laço de amizade com minha querida Iria Chocron que perdura até os dias de hoje. Daí em diante sempre estive em parceria com ela nos projetos que a mesma dedicava e dedica em prol da história do povo judeu no Marajó.

# LANÇAMENTO HISTÓRICO

Para comemorar os **10 anos do Portal Amazônia Judaica**, a Editora Amazônia Judaica e o NESA – Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia, lançam “*Ecos Sefarditas, judeus na Amazônia*”, uma coletânea com artigos, ensaios e resenhas sobre autores sefarditas da Amazônia, inédita em seu gênero, no Brasil e em todo mundo.



## ADQUIRA JÁ O SEU EM NOSSA LOJA VIRTUAL:

[www.amazoniajudaica.com.br](http://www.amazoniajudaica.com.br)



O bailarino Cristian Miranda, a pequena Manoela Chocron, futuro do judaísmo em Breves e Iria Chocron, a grande promotora do projeto "Judeus marroquinos em Breves e do ensaio fotográfico"

## TRADIÇÃO, MEMÓRIA E RESGATE CULTURAL: **UM ENSAIO FOTOGRÁFICO**

Visando trazer ao público de Breves e de vários outros rincões da Amazônia e do país, Iria Chocron promoveu um ensaio fotográfico com o fotógrafo Jonathan Castro e a assessoria do bailarino e coreógrafo Cristian Miranda





O FUTURO É HOJE MESMO:

## Manoela Chocron, a continuidade judaica em Breves em todo seu esplendor



Iria Chocron, seu marido João e a bela Manoela – uma família unida em prol da continuidade judaica





## OS SARRAF E OS BOTBOL: UMA PRESENÇA MARCANTE EM BREVES

Os Sarraf, os Botbol, e os Chocron, são o eixo central e remanescente do que na atualidade constitui a presença judaica em Breves

Iria Chocron, a grande idealizadora e produtora do projeto “A história dos judeus marroquinos em Breves”, empreendeu um trabalho ímpar e fundamental de resgate das histórias e memórias das principais famílias judias breveses. Para tanto contou com vários membros, em especial mulheres, destas famílias, que deram depoimentos, enviaram informações, imagens, documentos e fotos, que compõe esta matéria inédita em seu gênero.

### Os Sarraf: Resgate da Memória de um Clã

Na atualidade, os Sarraf são a família de maior presença em Breves e são marcantes na vida econômica, social e política da cidade. Reginaldo Sarraf, contou à equipe da Amazônia Judaica que a última vez que realizou um

cruzeiro com a família, participaram mais de 300 membros! Em depoimento à Iria Chocron, Karine Sarraf afirma que, provavelmente, David Sarraf teria sido o primeiro membro da família a chegar ao Brasil, no século XIX, vindo do Marrocos.



Foto raríssima: Sentado, ao centro Benedito Santos Sarraf

### Depoimento de Rayane Sarraf

O sobrenome Sarraf é de uma família de comprovada origem judaica sefardita. Ele é derivado da palavra hebraica taltelah, que significa refugiado ou peregrino. São originários de Espanha de onde migraram para o Marrocos a partir de 1942 e no século XIX imigram para a Amazônia. A maioria dos imigrantes do Marrocos casou com mulheres não judias e tipicamente amazônicas, gerando famílias numerosas cujos filhos quase sempre cresceram fora do judaísmo tradicional, embora poucos guardem ainda as tradições de seu antepassados. Os Sarraf, aqui, somos descendentes de Samuel Sarraf, natural do Pará, e de dona Mercedes Bentolila

Sarraf, natural de Marrocos (seus filhos: Jacob Samuel Sarraf, Júlio Samuel Sarraf, Luiz Sarraf, Amorzinho e outro que se suicidou) e Simão Amôr Botbol, natural de Marrocos, e dona Altina Maria da Conceição, natural do Ceará (suas filhas Lea Botbol e Sime Botbol) e Alice Costa (esta não Botbol), a mulher do Luiz Sarraf, que se estabeleceram no município de Breves, nas proximidades de Jacarezinho, Jaburu (Palácio de Cristal). Eram famílias de negociantes, como caixeiros viajantes. Jacob era pai de Samuel



Certidão de casamento de Isaac Sarraf, cedida por Karine Sarraf. Acervo da família

(Samuca — morreu de tétano, após furada de prego), Mercedes, Simão, David, Jaime, Elias, Abraão Moisés — morreu aos 17 anos mordido de cobra surucucu —, Isaac, Messod, Piedade, Elias, Eliza; Julio era pai de Isaac, Sarah, Alegria e Elisa; Luiz e outros . Os patriarcas são nossos avós, bisavós e trisavós.



### ► Depoimento de Karine Sarraf

Quero agradecer a HaShem pela graça de estarmos reunindo nossa família.

Lembro-me, quando eu tinha 6-7 anos, de meu avô Elias levar a mim e minha tia Carol (filha caçula do meu avô) para visitar tio David e vovó Léa na casa que ficava na Bernardo Sayão em frente a COPALA. Lá, encontraram também tio Messod. Os três irmãos se puseram a conversar com a mãe, que me parecia aos olhos de criança, bastante lúcida e uma coisa nunca me saiu da cabeça. Eles diziam “Só existe uma família Sarraf no Brasil! Se encontrar algum Sarraf por aí, é seu parente!”

Nunca pensei na abrangência que isso teria...



**Luis Sarraf**

era sábado e vovó Léa estava sentada numa sala onde tinham velas acesas. Recordo-me de uma das velas apagar e alguém tentar acendê-la, mas foi repreendido com brabeza pela matriarca. Anos depois, descobri que fazia parte do ritual judaico de Shabat.

Também aquele dia, foi a primeira vez, que me lembro, de alguém (vovó Léa) me abençoar dizendo: “Tenha uma boa sorte”. Normalmente, eu ouvia “Deus te abençoe”. Adulta, vim descobrir que essa forma de abençoar também é típica dos judeus sefarditas.

As lembranças me vieram a cabeça essa noite, misturadas com sonhos e faço questão relatar. Não sei bem o que é sonho ou verdade, mas sei que me fizeram um bem enorme!

### OS BOTBOL: ACULTURAÇÃO, ASSIMILAÇÃO E REMINISCÊNCIAS

Esta família também teve presença considerável em Breves. Porém, poucas informações foram encontradas. Dione Leão em sua tese de doutorado pela UFPA, “Trajetória de “migrantes””, cita D. Jacirema Sarraf Caetano, neta de Jacob Sarraf e Leia Bothebol Sarraf. Dione Leão afirma haver encontrado em documentação cartorial as famílias: Athias, Siqueira (segundo sobrenome de Abraham Chocron), Roffé, Gabbay, Barcessat e Bermeguy, Sarraf e Farrache.

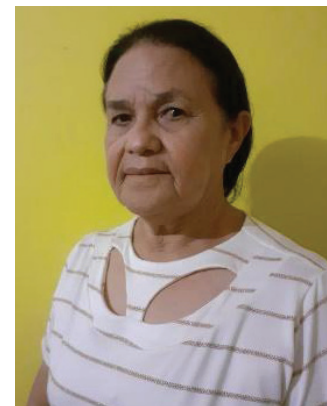
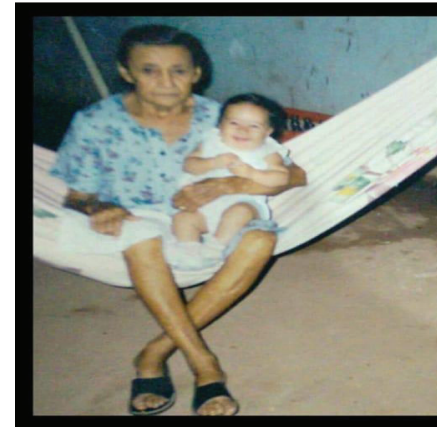
A família Botbol é uma das poucas que se mantêm aqui no município, apesar de todos os seus membros serem assimilados. A linhagem dos Botbol de Breves tem origem com o judeu marroquino Simão Amor Botbol, que morava no Ceará junto à sua esposa Altina Botbol. Os dois tiveram 4 filhas e nenhum rapaz, de modo que se mudaram para o Pará, no interior de Breves, no rio Jaburu, para arrumar maridos judeus para suas filhas: Léa, Alegria, Estrela e Sime. Léa e



**Alegria Botbol, matriarca dos Botbol de Breves**



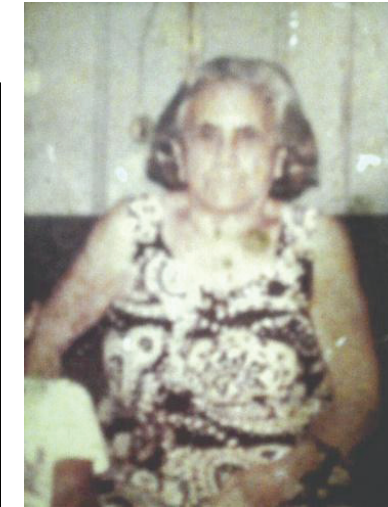
Esta é a tia-avó Sime Botbol Sarraf, esposa de Júlio Samuel Sarraf e irmã de Léa Botbol Sarraf. Vó Sime era mãe de Elisa, Sarita, Alegria, Isaac e Mercedes (todos vivos, graças a Deus). Vó Sime faleceu em Outubro de 1999, em Belém-PA, foi sepultada ao lado de seu esposo Julio no cemitério judaico em Belém.



**D. Maria do Socorro, filha de D. Alegria Botbol, nos concedeu entrevista para colher informações dos Botbol**

Sime casaram-se com irmãos da família Sarraf, enquanto Alegria desagradou aos pais por se casar com um não judeu. Por conta disso, dona Alegria, que teve filhos cristãos, foi assimilada ao cristianismo no final da sua vida, fazendo com que sua linhagem judaica seja esquecida. Ultimamente alguns netos resolveram resgatar o sobrenome Botbol mais por historicidade do que por interesse religioso ou cultural. Dona Maria do Socorro Miranda que é filha de dona Alegria, relata que sua mãe era rígida mas carinhosa com os filhos e que vez ou outra falava umas expressões numa língua que ela desconhecia, que bem poderia ser o hebraico ou o haquitia. ✨

### D. Sime Botbol Sarraf



**D. Léa Botbol Sarraf**



**D. Alegria Botbol Miranda**



**Alice Botbol, bisneta de D. Alegria Botbol. Ela é a única registrada com o sobrenome Botbol desde D. Alegria. A mãe quis resgatar o sobrenome judeu**



# PÁGINA OURO

Agradecemos imensamente a todos que de uma forma ou de outra nos ajudaram a tornar realidade a publicação deste **Suplemento Especial da Revista Amazônia Judaica** sobre os judeus de Breves

“Simplesmente e sobretudo, agradeço ao Eterno, Hashem, por me dar forças diárias para realizar meus sonhos: contar a história dos judeus breves em uma revista como a Amazônia Judaica é um destes sonhos que se concretizam graças a Ele. Agradeço a existência da minha filha Manoela, que é meu amor, minha amiga, meu tudo e a quem dedico esse projeto. À memória do meu avô e de tantos judeus que chegaram aqui no Marajó mas que não foram citados. Obrigada “seu” Siqueira! Abraham Morluf Chocron.

As pessoas especiais que estão nisso comigo:

Elias Salgado, meu guru de todos os momentos

Karine de Almeida Sarraf Bezerra por sua generosidade, solicitude e sensibilidade a este projeto: ela sonhou junto comigo e não hesitou em mergulhar fundo nesse sonho, me ajudando e conversando sobre nossos judeus até altas horas da noite.

Cristian Miranda por estar sempre acreditando em nossos projetos.

João Araújo por ser meu suporte sempre.

Reginaldo Sarraf e Socorro Cavalcante por ajudarem financeiramente. Menção especial à dona Socorro Miranda por compartilhar suas lembranças bem como sua filha Lucy Botbol.”

Iria Chocron



Parabenizamos Iria Chocron e colaboradores pela realização do evento **Judeus marroquinos em Breves**





Felicitamos os organizadores do  
**Projeto Judeus Marroquinos em  
Breves**